



FACULDADE IRECÊ
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

MARILANDE MARIA DOS SANTOS

*ESTRESSE OCUPACIONAL: Fatores Enfrentados Pelos Enfermeiros em Unidade
de Terapia Intensiva (UTI)*

IRECÊ/BA
2018

MARILANDE MARIA DOS SANTOS

ESTRESSE OCUPACIONAL: *Fatores Enfrentados Pelos Enfermeiros em Unidade de Terapia Intensiva (UTI)*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Enfermagem da Faculdade Irecê como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, sob a orientação da professora Noaci Madalena Cunha Loula.

IRECÊ/BA

2018

MARILANDE MARIA DOS SANTOS

ESTRESSE OCUPACIONAL: *Fatores Enfrentados Pelos Enfermeiros em Unidade de Terapia Intensiva (UTI)*

BANCA EXAMINADORA

Noaci Madalena Cunha Loula,
Mestre em saúde Coletiva,
Orientadora docente da FAI

Taise Santos Rocha
Especialista em Urgência e
Emergência, Enfermagem do
Trabalho, obstetrícia, Gestão,
Docente da FAI.

Edilson da S. P. Filho
Graduado em enfermagem,
Especialista em Saúde
Publica, Docente da FAI.

IRECÊ

2018

RESUMO

O estresse ocupacional é provocado por fatores vinculados ao trabalho, isso torna um elemento de pesquisa relevante e de suma importância para os profissionais de enfermagem, em especial o enfermeiro, pois caracteriza este ambiente de trabalho como provedor de situações de riscos à saúde, visto que, é um setor que reserva uma dinâmica de atuação e de desenvolvimento profissional muito peculiar. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo compreender os principais fatores que contribuem para o estresse ocupacional dos enfermeiros em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), bem como: Refletir sobre o ambiente de trabalho, identificar os principais fatores que contribuem para o estresse ocupacional e descrever a qualidade da assistência. O processo metodológico adotado baseou-se na pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, realizou uma busca na base de dados online, biblioteca virtual SciELO Brasil - (*Scientific Electronic Library Online*) e LILACS (Centro Latino-Americano de Informação em Saúde). Além disso, exploração das fontes bibliográficas: livros, revistas científicas; Leitura do material conduzida de forma seletiva, retendo as partes essenciais para o desenvolvimento do estudo. Foram definidos critérios de inclusão e exclusão: utilizaram artigos apenas em português, publicações entre os anos de 2007 a 2017. Dos artigos analisados, 47% citaram a sobrecarga de trabalho como o fator mais estressante para a equipe de enfermagem; relacionamento interpessoal foi o segundo, Condição de trabalho o terceiro, ambos com 36%; Dupla Jornada de Trabalho o quarto com 21%; Trabalho Noturno o quinto com 10%; Baixos Salários o sexto também com 10% e por último Fatores ambientais com apenas 5%. É imprescindível que o enfermeiro do setor UTI, reconheça os fatores estressores ali existentes e as repercussões causadas pelo mesmo em sua vida, tentando buscar soluções para amenizar ou diminuir os danos à saúde e garantir uma assistência de qualidade aos seus pacientes.

Palavras Chave: Estresse ocupacional, Enfermagem, UTI.

ABSTRACT

Occupational stress is caused by factors linked to work. This makes a research element relevant and of paramount importance to nursing professionals, especially nurses, since it characterizes this work environment as a provider of health risk situations. Since it is a sector that reserves a very peculiar dynamics of performance and professional development. Thus, the present article aims to understand the main factors that contribute to the occupational stress of nursing professionals in an Intensive Care Unit (ICU). The methodological process adopted was based on a qualitative bibliographical research, carried out a search in the online database, virtual library SCIELO Brasil - (Scientific Electronic Library Online) and LILACS (Latin American Center of Health Information). In addition, exploration of bibliographic sources: books, scientific journals; Reading the material conducted selectively, retaining the essential parts for the development of the study. To better refine the results, inclusion and exclusion criteria were defined: they used articles only in Portuguese, publications between the years 2007 to 2017. Of the articles analyzed, 47% cited work overload as the most stressful factor for the nursing team; interpersonal relationship was the second, Work Condition the third, both with 36%; Double Working Day the room with 21%; Night work the fifth with 10%; Low Wages the sixth with 10% and lastly Environmental with only 5%. It is imperative that nurses in the ICU sector recognize the stressors existing there and the repercussions caused by it in their life, trying to find solutions to reduce or reduce health damage and ensure quality care to their patients.

Keywords: Occupational stress, Nursing, ICU.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Estresse	9
2.2 A atuação do enfermeiro no trabalho no contexto ocupacional	10
2.3 Ambiente de trabalho (UTI)	11
2.4 Qualidades de vida no ambiente de trabalho (QVT)	14
3. METODOLOGIA	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1 Principais fatores que contribuem para o estresse ocupacional no profissional enfermeiro em UTI.	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

O antigo conceito de saúde era centrado na doença. Nessa época, o sistema de saúde era caracterizado pela exclusão social, desigualdade e escassez de recursos. Atualmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a saúde como um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não, simplesmente ausência de doenças ou enfermidades.

A própria Constituição da República Federativa do Brasil, traz em seu Art. 6º, a saúde como direito social do cidadão. Os trabalhadores, além de terem esse direito como cidadão, têm também à garantia de melhoria de sua condição social. Já o Art. 7º, XXII, estabelece que os trabalhadores devam trabalhar em ambientes com redução dos riscos, por meio de normas de saúde, higiene e segurança.

A enfermagem é uma profissão estressante e esse fato se relaciona ao trabalho, diante do convívio com pessoas que sofrem e requerem grande demanda de atenção, compaixão e simpatia. O enfermeiro quando lida com essa situação pode se sentir irritado, deprimido e desapontado. Esses sentimentos podem ser considerados incompatíveis com o desempenho profissional, trazendo conseqüentemente a culpa e o aumento da ansiedade.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, cerca de 90% da população mundial são afetados pelo estresse, tomando proporções de uma epidemia global (CAVALHEIRO apud 2008, MONTE 2013).

O estresse é considerado um problema atual de saúde pública, estudado por diversos profissionais, por apresentar risco para o equilíbrio normal do ser humano. Pode ser compreendido como um padrão de respostas específica ou não específicas dada pelo organismo a eventos estimulantes que perturbam o seu equilíbrio, sobrecarregando ou excedendo sua capacidade de enfrentamento (NASCIMENTO, 2015).

O estresse ocupacional é provocado por fatores vinculados ao trabalho. O trabalho permite crescimento, modificação, importância e independência pessoal, porém, se os indivíduos forem submetidos a constantes mudanças, poderá contribuir para problemas como incerteza, constrangimento, desinteresse e irritação. Neste sentido, o trabalho é importante na vida pessoal, porém, pode beneficiar tanto a saúde como o adoecimento (BEZERRA; RAMOS; SILVA, 2011).

Neste contexto, a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um setor altamente especializado que atende, em nível terciário do sistema de saúde atual, pacientes potencialmente graves e instáveis clinicamente, com chances de sobrevivência. É um ambiente de alta complexidade no Hospital, que utiliza uma tecnologia de alto custo, e se propõe a estabelecer monitoração completa e vigilância 24 horas.

Possui dinâmica de trabalho peculiar e intensa, exige que a equipe multiprofissional, em especial o enfermeiro, esteja preparada para qualquer momento promover assistência a pacientes com alterações hemodinâmicas, as quais requerem conhecimento específico e grande habilidade para tomar decisões e implementá-las em tempo real.

Percebe-se, assim, que o trabalho em uma UTI é complexo, isso interfere na qualidade de vida do colaborador e conseqüentemente na assistência ao paciente. Sendo assim, o estresse ocupacional se torna um elemento de pesquisa de suma importância para os profissionais de enfermagem, pois caracteriza este ambiente de trabalho como provedor de situações de riscos à saúde.

Com tudo, este estudo torna-se relevante, pois mostrará os principais fatores que contribuíram para o estresse ocupacional nos profissionais enfermeiros em uma UTI; Possibilitará reflexões acerca do estresse ocupacional no ambiente de trabalho; Contribuindo para o desenvolvimento de novos estudos acerca do tema, possibilitando um melhor entendimento destes profissionais envolvidos. Desta forma este estudo pretende responder a seguinte pergunta avaliativa: quais os principais fatores que contribuem para o estresse ocupacional dos enfermeiros em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI)?.

Diante das considerações aqui elencadas e com base neste questionamento, desenvolveu o presente estudo, que tem como objetivo geral: Compreender os principais fatores que contribuem para o estresse ocupacional dos profissionais enfermeiros em um serviço de UTI.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estresse

O Estresse foi definido pela primeira vez em 1956, como uma reação inespecífica do corpo a qualquer demanda interna ou externa, consequência do ato de viver (BIANCHI; GUERRER, 2007). Pode ser compreendido como um padrão de respostas específica ou não específicas dada pelo organismo a eventos estimulantes que perturbam o seu equilíbrio, sobrecarregando ou excedendo sua capacidade de enfrentamento (NASCIMENTO, 2015).

Sendo assim, os eventos estimulantes são envolvidos por uma gama de condições externas e internas os quais são chamados de estressores. Estressor é algo que estimula o organismo na tentativa de remover determinado tipo de resposta adaptativa (NASCIMENTO, 2015).

Neste sentido, o estresse procura alterar a homeostasia do corpo, trazendo mudanças que se manifestam e geram dois tipos de síndromes: a Síndrome de adaptação geral (SAG), e a Síndrome de adaptação local (SAL). A síndrome de adaptação geral irá afetar todo o organismo, a de adaptação local apenas uma parte pequena do corpo ficará exposta ao estresse (NASCIMENTO, 2015).

Relacionado à temática em questão, o autor cita que ao deparar-se com um estressor, o organismo experimenta três fases:

A primeira, fase de alarme ou alerta, o corpo identifica o estressor, e ativa o sistema neuroendócrino; a segunda fase, de adaptação ou resistência, é momento em que o organismo repara os danos causados pela reação de alarme e reduz os níveis hormonais; a terceira fase ocorre se o estressor permanecer presente, é esta a fase de exaustão, já se encontra gravemente afetada a capacidade de resposta do corpo ao estresse. Nesse estágio, podem ocorrer vários distúrbios psicossomáticos (NASCIMENTO, 2015).

O estresse vinculado ao trabalho ou estresse ocupacional, refere-se à falta de capacidade do trabalhador de se (re) adaptar às demandas existentes no trabalho. Este tipo de estresse pode, ainda, referir-se ao conjunto de perturbações psicológicas e ao sofrimento psíquico associados às experiências de trabalho, cujas demandas ultrapassam as capacidades físicas ou psíquicas do sujeito para enfrentar as solicitações do ambiente profissional (SCHMIDT et al., 2009).

2.2 A atuação do enfermeiro no trabalho no contexto ocupacional

De acordo com Menzani e Bianchi (2009) ser enfermeiro significa ter como agente de trabalho o homem, e, como sujeito de ação, o próprio homem. Há uma estreita ligação entre o trabalho e o trabalhador, com a vivência direta e ininterrupta do processo de dor, morte, sofrimento, desespero, incompreensão, irritabilidade e tantos outros sentimentos e reações desencadeadas pelo processo doença.

Atividade do enfermeiro envolve paciente, família e equipe, pois sua atuação é complexa e diversificada. Nesse processo de cuidar, o enfermeiro é mediador entre a equipe de enfermagem, o cliente, a família e outros profissionais, estabelece um elo de comunicação na busca por equilíbrio entre as relações desenvolvidas, o que pode ser um fator gerador de estresse (MENZANI; BIANCHI, 2009).

Constantemente pode-se observar que o trabalho do enfermeiro inserido nas instituições de saúde, é muitas vezes, multifacetado, dividido e submetido à diversidade de cargos, geradores de desgaste, fatores que são predisponentes ao estresse, principalmente quando esta relacionada à UTI (SANTOS et.al. 2012).

O enfermeiro com grande tempo de atuação apresenta um desgaste crônico, ou seja, quanto maior o tempo de serviço em uma determinada área, maior será o nível de estresse desses indivíduos (CORTEZ; SILVA, 2007).

Muitos dos profissionais de UTI têm lidado por situações de pressão em sua rotina diária, as quais interferem negativamente em seu modo de viver e, principalmente, de cuidar, levando a alterações no padrão de saúde relacionado à sobrecarga imposta pela rotina de trabalho, como exemplo, tem o reposicionamento

de pacientes muito pesados, em estado geral debilitados, o que implica no desenvolvimento de doenças aos colaboradores (ALVES, 2012).

Este mesmo autor afirma que os cuidadores vivem hoje sob contínua tensão tanto na vida pessoal quanto na profissional, a qual gera uma carga negativa psicoemocional que os leva ao estresse psicossocial (ALVES, 2012). Isso se torna preocupante ao se pensar na filosofia da enfermagem, profissão esta que tem como essência o cuidado ao ser humano.

Sendo assim, os enfermeiros no seu dia-a-dia passam por diversas situações que resultam de forma negativa afetando na sua condição de vida e trabalho. Além disso, eles necessitam de conhecimento, autocontrole e eficiência ao prestarem assistência o paciente, a fim de não cometerem erros. Logo, estes profissionais lidam constantemente com o risco iminente de morte, em que a complexidade dos cuidados prestados, somada aos fatores pessoais, tem relação frequente com o desencadeamento do estresse (PANIZZON; LUZ; FENSTERSEIFER, 2008).

No entanto, os enfermeiros que atuam neste setor, se deparam a todo período com situações que exigem agilidade e que em alguns momentos, demandam ações simultâneas sem prévios planejamentos comprometendo o estado geral de saúde (PANIZZON; LUZ; FENSTERSEIFER, 2008).

Desse modo, o estresse ocupacional, não é considerado um fenômeno recente, porém, um novo campo para se fazer estudos científicos, e ao longo do tempo foi se tornando bastante relevante com o surgimento das doenças que se relacionavam. Diante o contexto, os enfermeiros estão constantemente lidando com riscos e condições de trabalhos desfavoráveis, no qual poderá comprometer sua saúde, tanto física quanto psicológica.

2.3 Ambiente de trabalho (UTI)

O precursor que foi destaque histórico por constituir o primeiro modelo de uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), no cuidado ao paciente crítico nos Estados Unidos, no ano de 1914, foi o Dr. Walter Edward Dandy, descrito pela Society Critical Care and Medicine-SCCM (CARVALHO; BENDER, 2017).

No Brasil, o surgimento deste ambiente de trabalho se deu a partir da década de 1970, com o intuito de centralização aos pacientes extremamente graves com alto grau de complexidade, que tivesse um campo de trabalho com todo equipamento e materiais específicos visando um trabalho de qualidade e confiança (CARVALHO; BENDER, 2017).

A história da UTI está fortemente vinculado à enfermagem, foi marcada em um fato histórico na guerra da Criméia com a participação belíssima de Florence Nightingale, diante todos aqueles homens (soldados) feridos, teve a capacidade de junta-los em apenas um ambiente, e proporcionou todos os cuidados necessários, posteriormente, este fato originou as mais modernas UTIs (SANTOS et al., 2012).

Desse modo, a UTI ficou considerado um lugar destinado ao acolhimento de pacientes extremamente graves, que necessita de assistência médica e de enfermagem continuadas, dispõe de equipamentos específicos, próprios, recursos humanos especializados, altas tecnologias, com o objetivo de identificar o diagnóstico e resolutividade no tratamento (CARVALHO; BENDER, 2017).

Alem de ser vista como um ambiente reservado para pacientes críticos, agudos e recuperáveis, revela também ser um local tenso, traumatizante e invasivo. Com tudo, estes fatores não atingem apenas os pacientes, mas toda equipe multidisciplinar, principalmente a categoria da enfermagem, a qual presta assistência integral diariamente (SANTOS et al., 2012).

Em relação à complexidade da assistência, este local de trabalho torna-se um ambiente gerador de estresse, considerando um dos setores mais desgastante do hospital, devido à ampla rotina de trabalho e os riscos que a equipe de enfermagem enfrenta, entre eles estão: acidentes com perfuro cortantes, exposição diária à Raios X, pacientes com doenças contagiosas onde permanecem isolados (RODRIGUES, 2012).

Assim como, os ruídos dos equipamentos (bombas de infusão, monitores, respiradores, aspiradores, telefone e impressoras), choros, gritos de pacientes desorientados, conversas paralelas da equipe, grande número de profissionais circulando diariamente (RODRIGUES, 2012).

Somado a isso, existe a deficiência de autonomia, baixos salários, grandes responsabilidades, desgaste físico e emocional, tomada de decisões conflitantes podendo gerar adoecimento nestes profissionais (SANTOS, 2012; VALERETTO et al., 2013).

Neste contexto, os profissionais deste setor para desempenhar suas funções necessitam de conhecimentos, habilidades e atitudes, pois, constantemente, poderão se deparar com condições de trabalho insalubre, bem como condições relacionadas à organização laboral: setor de atuação, turnos de trabalho, números de funcionários, reestruturações organizacionais, sobrecarga de trabalho e conflito (MONTEIRO et al., 2013).

Sendo assim, esses serviços possuem características próprias que influenciam a organização do trabalho e a gerência do cuidado. Desse modo, este setor envolve um trabalho complexo, que comporta inúmeras necessidades para o desenvolvimento do cuidado, onde a dinâmica entre os profissionais, a criticidade dos pacientes exigem dessa equipe conhecimentos de ordens diversas, potencializando a assistência prestada (INOUE et al., 2009).

É importante analisar que, em uma UTI, permanecerão alocados pacientes com perfis extremamente graves, debilitados que requer maior assistência no cuidado do que em outros setores hospitalares, por este motivo, o dimensionamento destes profissionais necessita ser revisto, que analisem as diversas atividades desenvolvidas, e auxiliem na quantificação da carga de trabalho e na determinação do número de trabalhadores para compor a equipe (INOUE et al., 2009).

Nesse sentido a Resolução do COFEN nº 293 “fixa e estabelece parâmetros para o dimensionamento do quadro de profissionais de enfermagem nas unidades assistenciais das instituições de saúde e assemelhados”. Essa Resolução enfoca o cálculo de pessoal de acordo com o Sistema de Classificação de Pacientes (SCP), ou seja: Paciente de Cuidado Mínimo (PCM); Paciente de Cuidados Intermediários (PCI); Paciente de Cuidados Semi-Intensivos (PCSI) e Pacientes de Cuidados Intensivos (PCI).

Os profissionais enfermeiros estão diariamente lidando com elementos geradores do estresse como sobrecarga de trabalho, levando ao acúmulo de tarefas, o trabalho em turno, falta de recursos materiais, deficiência nas condições de trabalho, desvalorização (baixos salários), grandes responsabilidades, desgaste físico e emocional (VALERETTO et al., 2013).

A dificuldade de relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho é um fator estressante, pode provocar conflitos aos colaboradores levando à perda do espaço para o compartilhamento de conhecimentos, comprometendo a qualidade da assistência prestada (VALERETTO et al., 2013).

No entanto, este ambiente estabelece um conceito operacional de trabalho, no qual acrescenta um conjunto de fatores que atuam de certa forma direta ou indiretamente na concretização de uma atividade ou serviço, onde estes fatores são capazes de influenciar na qualidade de vida do paciente quanto na assistência do profissional (CARVALHO; BENDER, 2017).

Portanto, a UTI é caracterizada por um trabalho que envolve forte carga emocional, na qual a vida e a morte se misturam, compondo um cenário desgastante e, muitas vezes, frustrante, podendo ocasionar várias consequências e comprometer a saúde dos colaboradores (SANTOS et al., 2012).

Neste sentido, cabe ao enfermeiro que atua neste setor manter o domínio da situação, estar preparado para enfrentar esse processo, buscando conhecimento científico e competência clínica.

2.4 Qualidade de vida no ambiente de trabalho (QVT)

A Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) tem sido definida de diferentes formas por diversos estudiosos, no entanto, praticamente todas as definições têm em comum o entendimento de que a mesma objetiva propiciar uma maior humanização do trabalho, o aumento do bem-estar dos trabalhadores e uma maior participação dos mesmos nas decisões e problemas do trabalho.

Neste contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida, no contexto da cultura e valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (CAVALHEIRO apud 2008; MONTE, 2013).

Segundo Monte (2013 p.1), “a qualidade de vida do indivíduo vem sendo comprometida tanto profissional, quanto social e biologicamente, devido os fatores que causam o estresse”.

No ambiente hospitalar, os profissionais da área de saúde, em especial a equipe de enfermagem, estão expostos aos fatores estressores que repercutem numa má condição de trabalho, pois estes são submetidos a uma excessiva carga horária de trabalho somada ao não reconhecimento profissional e má remuneração,

ambiente insalubre com sérios riscos a sua própria saúde, além da insatisfação profissional por não conseguirem realizar com eficácia suas atividades pela inadequação (VALERETTO et al., 2013).

O trabalho na organização hospitalar, de maneira geral, é reconhecido como um ambiente insalubre, penoso e perigoso para os que ali trabalham. A equipe de enfermagem, por ser maioria nessas organizações e também por trabalhar diretamente com os pacientes, está sempre à frente de situações de dor e sofrimento provenientes do contato muito próximo às pessoas adoecidas e também expostas a muitas situações de perda (NEUMANN, 2007).

As condições de trabalho e saúde da equipe de enfermagem têm sido denunciadas mundialmente, por isso a luta pela melhoria dessas condições tem sido alvo de debate no meio acadêmico e no contexto geral das organizações (NEUMANN, 2007).

As condições de trabalho em UTI relacionada aos serviços noturnos geram distúrbios físicos e psíquicos ao trabalhador, como: alterações hormonais e gástricas (INOUE, 2013).

A partir das considerações anteriores, nota-se que a QVT é fundamental para a saúde do trabalhador, especialmente para a enfermagem, que tem o cuidado, como essência, em sua prática profissional. Para a equipe de enfermagem, QVT significa ter condições de trabalho adequadas.

Com intuito de informar sobre a QVT, há a Norma Regulamentadora trinta e dois – NR-32 (2015), que é uma portaria oficialmente instituída pelo Ministério do Trabalho, cuja finalidade foi estabelecer as diretrizes para a inserção de medidas de proteção à saúde dos trabalhadores em estabelecimentos de assistência, promoção, pesquisa e ensino na área da saúde. Essa iniciativa teve como objetivo de melhoria das condições e do ambiente de trabalho.

No ambiente de trabalho que há QVT, conseqüentemente, haverá mais satisfação interna dos funcionários o que refletirá na produção de forma benéfica, isto é, na assistência de qualidade. Em ambientes desse tipo ocorre também interdisciplinaridade entre a equipe multiprofissional o que proporciona mais integração e segurança nas atividades a serem desenvolvidas. Além disso, contribui para a diminuição do estresse e do surgimento de doenças ocupacionais e, até mesmo, o absenteísmo que é muito comum entre os profissionais de saúde.

Sendo assim, a ausência da qualidade de vida poderá acarretar doenças aos profissionais de enfermagem advindas do seu ambiente de trabalho (VALERETTO; et al., 2013).

3. METODOLOGIA

O estudo desenvolvido seguiu de uma revisão bibliográfica com abordagem de cunho qualitativo. A metodologia utilizada neste estudo foi à pesquisa bibliográfica, pois a mesma oferece meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos, como também aceita a exploração de novas áreas de pesquisa. Permite que um tema seja analisado sob novo enfoque ou abordagem, produzindo novas conclusões. Além disso, aceita a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla.

A pesquisa foi realizada durante o período de junho de 2018 á novembro de 2018. Para realizar o levantamento bibliográfico deste estudo, utilizou artigos, livros e revistas científicas, bem como, diversos autores renomados sobre o tema, a fim de trazer uma discussão acerca do estresse ocupacional nos profissionais enfermeiros em UTI. Este estudo foi guiado pela seguinte pergunta norteadora: Quais os principais fatores que contribuem para o estresse ocupacional dos enfermeiros em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI)?

A partir dos critérios estabelecidos, realizou-se o levantamento de publicações conforme a temática proposta. Foi encontrada, inicialmente, 110 referências, das quais 28 se enquadraram nos critérios de inclusão e se mostraram pertinentes aos objetivos deste estudo. Destes 28 artigos, 19 teve seus principais resultados diretamente relacionados ao objetivo do estudo em questão, apresentando número de variáveis referentes a fatores enfrentados pelos enfermeiros em unidade de terapia intensiva UTI.

Destes 19 estudos alguns apresentam: conceito, tipos, fatores e fases do estresse, outros relatam sobre o ambiente de trabalho (UTI) e suas particularidades, bem como a qualidade de vida no ambiente de trabalho, outros evidenciam fatores enfrentados pelos enfermeiros em Unidade de Terapia Intensiva.

A seguir estão descritas as fontes que forneceram às respostas adequadas a solução do problema proposto:

- a) Foi utilizado livro que abordara a temática, em idioma português, disponível na biblioteca da escola de enfermagem FAI, publicado no período de 2015.
- b) Para levantamento bibliográfico, utilizaram-se as seguintes bases de dados: base de dados online, biblioteca virtual SCIELO Brasil - (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Centro Latino-Americano de Informação em Saúde).
- c) Para critérios de inclusão utilizou-se: artigos científicos publicados na íntegra entre os anos de 2007 a 2017, em língua portuguesa e relevância com a temática proposta nesta pesquisa.
- d) Quanto ao critério de exclusão, eliminaram-se resenhas nas bases de dados, as dissertações, monografias e teses.
- e) A busca deu-se através dos descritores contidos no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), a saber: “Estresse”, “Unidade de Terapia Intensiva”, “Enfermagem.

As informações e resultados obtidos para síntese e análise do material foram realizados da seguinte forma:

- a) Leitura exploratória, que constitui na leitura do material para saber do que se tratavam os artigos;
- b) Leitura seletiva, que se preocupou com a descrição e seleção do material quanto a sua relevância para o estudo;
- c) Leitura crítica e reflexiva que buscou por meio dos dados a construção dos resultados encontrados procedera-se à elaboração de fichamentos e resumos a fim de selecionar material pertinente ao assunto, considerando alguns aspectos relevantes do estresse ocupacional.

Foram analisadas e discutidas categorias a partir do referencial teórico relativo à temática do estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Principais fatores que contribuem para o estresse ocupacional no profissional enfermeiro em UTI.

È relevante enfatizar que o estresse ocupacional não traz consequências prejudiciais apenas para o individuo, acaba por atingir também aqueles dos quais dependem dos serviços prestados por este profissional, assim como, os colegas de trabalho e a instituição, trazendo prejuízo na qualidade do trabalho realizado.

Com base nos estudos foi observada segundo os autores, uma diversidade de fatores que podem influenciar na qualidade ocupacional dos profissionais enfermeiros no seu ambiente de trabalho. Fatores estes que podem trazer prejuízos na qualidade de vida e dos serviços prestados. Segue em tabela:

Tabela com identificação dos autores e fatores estressores encontrados nos estudos, publicações nas bases de dados SCIELO e LILACS, no período de 2007 a 2017.

AUTOR	ANO	FATORES
ALVES	2012	Sobrecarga, Condições de trabalho, Dupla jornada.
BIANCHI	2007	Condições de Trabalho, Relações Interpessoal
CORTEZ E SILVA	2007	Dupla Jornada
INOUE et al.	2013	Sobrecarga de Trab. Condições de trabalho, jornada de trabalho, trabalho noturno.
INOUE K. C.	2009	Sobrecarga de Trab. Relações Interpessoais
MONTEIRO	2013	Dupla Jornada de trabalho, Sobrecarga de trabalho.
MENZANI E BIANCHI	2009	Sobrecarga de Trabalho
NEUMAN	2007	Condições de trabalho, Sobrecarga de Trabalho
PANIZZON	2008	Trabalho. Noturno, Baixo salário, sobrecarga de trabalho.
RODRIGUES	2012	Trabalho Noturno, Ambientais, Relações Interpessoal.
SANTOS	2012	Dupla Jornada, Relação Interpessoal, sobrecarga de

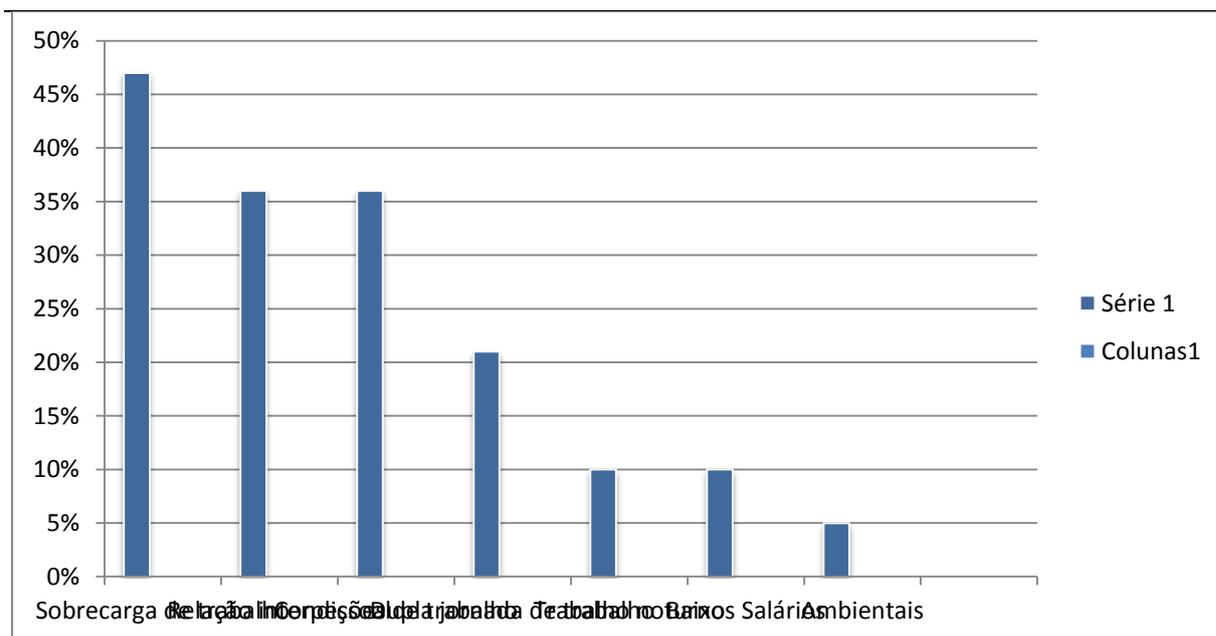
VALERETTO	2013	trabalho. Baixo salário, Condições de Trabalho, Relação interpessoal, sobrecarga de trabalho.
-----------	------	--

Fonte própria do autor

No que tange os fatores estressores enfrentados pelos enfermeiros em unidade de terapia intensiva, relacionado ao estresse ocupacional, houve uma mista visão de idéias dos autores. Pode-se perceber posteriormente na discussão, deixando claros os fatores enfrentados por estes profissionais.

Diante o contexto, o gráfico á seguir apresenta porcentagem dos principais fatores estressores encontrados nos estudos analisados, os quais contribuem para o estresse ocupacional aos enfermeiros em uma Unidade de Terapia Intensiva UTI.

Gráfico com Porcentagem dos Fatores estressores relacionados ao ambiente de trabalho do profissional enfermeiro em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), publicações nas bases de dados Scielo e Lilacs no período de 2007 a 2017.



Fonte própria do autor

Dos artigos analisados, 47% citam a sobrecarga de trabalho como o fator mais estressante para a equipe de enfermagem; 36% citam o relacionamento interpessoal e Condição de trabalho; a Dupla Jornada de Trabalho foi considerada o fator estressante com 21%; Trabalho Noturno e Baixos Salários com 10% e 5% o fator Ambiental.

Relacionado à sobrecarga de trabalho do gráfico em questão, os autores: Neumann 2007, Inoue (2009), Santos (2012) e Valeretto (2013), descrevem em seus estudos que é necessário rever o dimensionamento dos profissionais de enfermagem, necessitando analisar as diversas atividades desenvolvidas, e a quantificação da carga de trabalho.

Para Inoue (2009), os profissionais do setor UTI estão sujeitos a elevadas cargas de trabalho, devido o grande numero de pacientes alocados com alterações hemodinâmicas e com risco elevado de morte, onde requerem do profissional maior atenção e cuidados complexos.

Para Neumann (2007) e Valeretto (2013) a sobrecarga de trabalho, ao longo dos anos, poderá causar aos colaboradores de enfermagem processos patológicos físicos e psíquicos, deixando carentes de exercer suas profissões, com isso desestrutura suas vidas e a de seus familiares.

Na visão de Santos, et al., (2013), a sobrecarga no profissional poderá gerar algumas alterações como: perda do apetite, alterações de humor ansiedade, irritabilidade, distúrbios do sono, diminuição da capacidade de trabalho, fadiga e cansaço constante.

Para Alves (2012), a sobrecarga imposta pela rotina de trabalho, poderá vim desenvolver no profissional desgaste físico e emocional, devido à carência de equipamentos, materiais e recursos humanos para a execução do trabalho prestado.

Cabe destacar que a sobrecarga de trabalho pode levar ao acúmulo de tarefas, tornando um desafio em relação ao tempo para realizar as atribuições, com isso, o trabalhador poderá desenvolver enorme tensão diante da responsabilidade de efetuar um trabalho qualificado, aumentando o cansaço, o desgaste e o esgotamento crônico, com tudo, o profissional poderá cometer falhas em sua atuação, colocando em risco sua saúde e a saúde do paciente.

Nos achados sobre relação interpessoal, Valeretto (2013), diz que o ambiente UTI, por ser um setor fechado, os colaboradores fica mais tempo juntos, na realização do trabalho, isso faz com que os conflitos venham surgir com mais frequência do que em outros setores. Afirma que a falta de relação interpessoal, constitui um fator estressante importante, pois pode limitar a atuação dos profissionais, influenciando diretamente na qualidade do serviço prestado.

Para Alves (2012), os cuidadores vivem hoje sob contínua tensão tanto na vida pessoal quanto na profissional, devido ao contexto de trabalho, gerando excesso de conflitos, isso também interfere na relação interpessoal provocando negatividade psicoemocional neste profissional, podendo evoluir para doenças psicossomáticas, como exemplo as do sistema cardiovasculares. Friza que quanto mais conturbada for à relação dentro da unidade de terapia intensiva, mais aumentados são os níveis de estresse.

Quanto aos achados sobre condições de trabalho a análise dos estudos observou-se que as condições de como é desenvolvida o trabalho, também são consideradas um fator que pode levar ao adoecimento e conseqüentemente ao estresse. Condições de trabalho envolvem o ambiente onde este é realizado o trabalho, materiais utilizados entre outros.

Os autores Neumann (2007), Inoue (2009) e Valeretto (2013) ambos tem o mesmo discurso em relação às condições de trabalho do profissional enfermeiro em seu ambiente de trabalho. Afirmam que a falta de condições de trabalho adequado, ocasiona a sobrecarga no colaborador submetendo-o a situações inesperadas, podendo gerar o desgaste físico e emocional, conseqüentemente a síndrome de Burnout.

A síndrome de Burnout foi mais uma conseqüência falada pelos autores. Segundo Santos (2012), Burnout é um distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso, está associada a um transtorno do humor, gerando no profissional prejuízo de interesse e de prazer, diminuição de energia, das atividades, da concentração e da auto-estima, cuja causa está intimamente ligada às condições de trabalho.

Desse modo, observou-se que a Síndrome de *Burnout* está associada à condição do trabalho, decorrente da exposição prolongada aos estressores laborais.

Ainda para Santos (2012), as condições de trabalho inadequado contribuem para mudanças fisiológicas e psíquicas nos profissionais e conseqüentemente para o surgimento do absenteísmo no ambiente de trabalho, o que compromete o atendimento aos clientes, além de sobrecarregar os integrantes da equipe.

Advindas das condições de trabalho, os enfermeiros apresentam muitas outras complicações de saúde pela falta de adequação do ambiente. Dentre as alterações, as mais comuns são: Lombalgias; as Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteo-musculares Relacionados ao Trabalho (DORT),

doenças caracterizadas pelo desgaste de estruturas do sistema músculo-esquelético

Sendo assim, faz-se necessário a avaliação sobre a adequação do ambiente laboral quanto a sua organização e sua estrutura, além da inserção de um profissional enfermeiro especializado na área de Saúde do trabalhador, para que possa possibilitar eficácia na realização das atividades desenvolvidas pela enfermagem, levando em conta as necessidades dos pacientes graves.

A dupla jornada de trabalho foi outro ponto importante em destaque nos estudos. Inoue K. C.(2009) diz que o profissional no intuito de maior remuneração para ter uma condição de vida adequada, é submetido á dupla jornada de trabalho levando-o a cargas excessivas de trabalho e ao esgotamento físico e mental, afetando assim a qualidade de vida e do serviço prestado.

Ainda sobre a dupla jornada de trabalho, Inoue, K. C. (2009) relata que o fato do profissional lidar com a dupla jornada em regime de plantão, diminuem o período livre deste, atrapalhando o convívio social, especialmente no convívio com seus familiares e nas atividades de lazer, levando a desenvolver um grau elevado de estresse.

Para Cortez; Silva, (2007), quanto maior o tempo de serviço mais elevado é o nível de estresse apresentado pelo trabalhador. Nesta perspectiva, o estresse gerado no enfermeiro de terapia intensiva merece destaque e devem ser contextualizados.

Alem destes, o trabalho noturno também foi fator estressor em destaque nos estudos. Os autores informam que este, gera deficiência da relação social e familiar, aumentando à angústia e a ansiedade dos trabalhadores. Inoue (2013) mostrou que o trabalho noturno pode desencadear frequentemente situações estressantes aos profissionais, fazendo com que aumente o desgaste, afetando seu desempenho, influenciando a forma de como vai avaliar outros aspectos relacionados à sua atividade laboral, inclusive àqueles que se remetem à assistência prestada.

Para Rodrigues (2012), o profissional que realiza o plantão noturno dificilmente repõe o sono, pois não consegue dormir bem durante o dia, causando-lhe problemas de saúde.

Inoue et al. (2013) diz que este estressor altera espontaneamente os ritmos fisiológicos, fazendo com que o metabolismo venha desequilibrar, podendo levar a distúrbios corporais e psicológicos, bem como, ocasiões de diminuição de

concentração e falhas de memória, expondo a possíveis erros, o que gera ainda mais sofrimento.

Nos achados baixos salários, Valeretto (2013), ressalta que muitos dos trabalhadores da saúde, precisam manter vários vínculos de trabalho devido aos baixos salários, precários para a manutenção da família. Isso interfere na qualidade de vida e conseqüentemente na assistência ao paciente.

Panizzon (2008) cita que o descontentamento do profissional em relação à má remuneração é fator para “Burnout” na enfermagem brasileira.

Relacionado aos achados sobre fatores ambientais, Rodrigues (2012) cita que estes podem contribuir para a evolução dos sintomas de estresse e influenciar o trabalho dos profissionais de forma negativa. Em destaque a iluminação artificial, a temperatura, os ruídos dos respiradores, monitores, bombas de infusão, bem como a comunicação entre a equipe, devida o excesso de sonoridade.

Este mesmo autor acrescenta que estes em excesso podem levar ao estresse, gerando uma diminuição da concentração, dificultando a realização de atividades e conseqüentemente à fadiga física. Podendo também levar alterações nas funções fisiológicas, no trabalho prestado, bem como ocasionar burnout entre os profissionais envolvidos nos cuidados intensivos.

Esses são alguns dos dilemas éticos e profissionais vivenciados cotidianamente pela equipe multiprofissional que atua em terapia intensiva. Essas situações criam tensão entre os profissionais, que, em geral, influenciam negativamente na qualidade de vida e na assistência prestada aos clientes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação contínua da saúde dos trabalhadores Enfermeiros e do ambiente hospitalar fazem parte de uma estratégia de intervenção para redução do estresse ocupacional na Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Percebe-se que todas as evidências apresentadas demonstraram que o ambiente da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é considerado um setor estressante. Neste trabalho, os resultados apontaram fatores sugestivos para desencadearem estresse no enfermeiro intensivista.

Entre eles estão à sobrecarga de trabalho, dupla jornada de trabalho, o trabalho noturno, relação interpessoal, baixos salários, assim como os fatores ambientais: ruídos dos respiradores, monitores, bombas de infusão, aspiradores, telefone e impressoras, somado a isso, existem as conversas paralelas da equipe, grande numero de profissionais circulando diariamente, choros e gritos dos pacientes desorientados.

Portanto, é imprescindível que o enfermeiro do setor UTI, reconheça os fatores estressores ali existentes e as repercussões causadas pelo mesmo em sua vida, tentando buscar soluções para amenizar ou diminuir os danos á saúde e garantir uma assistência de qualidade aos seus pacientes.

Deste modo, esta pesquisa permitiu identificar os fatores de risco que contribuem para o estresse do enfermeiro eu uma UTI, possibilitando refletir sobre o processo de saúde-doença dessa população específica e a qualidade da assistência prestada.

Em relação ao estudo realizado, percebeu-se uma grande ocorrência do fator sobrecarga de trabalho em 47% dos artigos analisados, em contra partida o fator que teve menos incidência foram os ambientais em 5% dos estudos.

Os resultados desta análise possibilitaram apontar que a organização laboral nesse ambiente precisa ser revista para que as condições em que se desenvolve o trabalho de enfermagem sejam modificadas, no sentido de minimizar os riscos à saúde do trabalhador e tornar esse ambiente além de mais seguro, mais agradável.

Sendo necessário programar ações que visam o bem-estar desses trabalhadores, por exemplo: implantar programas de intervenção para a saúde do trabalhador, no sentido de minimizar o estresse ocupacional, como: ginástica laboral, bem como, dinâmicas de grupo, que venha preparar o corpo e a mente do colaborador em um momento de expediente de trabalho. O seu pleno envolvimento permitirá que as habilidades sejam utilizadas em benefício da organização, colaborando de certa forma para que a empresa possa, também, atingir os seus objetivos.

Enfim, conclui-se que o objetivo de identificar os principais fatores que contribuem para o estresse deste profissional foi satisfatório, recomendando assim a continuidade a novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. F; **O Cuidador de Enfermagem e o Cuidar em Uma Unidade de Terapia Intensiva**; 2012; disponível em: <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/viewFile/707/672>; acessado em: 10/06/2018.

BEZERRA, N. F; RAMOS, V. P.; SILVA, T. M; **Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência**: Revisão Integrativa da Literatura 2011; <http://www.redalyc.org/html/3070/307026829018/> acessado em: 01/11/2018.

BIANCHI, E. R. F; GUERRER, F. J. L; **Caracterização do estresse nos enfermeiros de unidades de terapia intensiva**, 2007 <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a19.pdf/355/362>. Acessado em: 07/10/2018.

CARVALHO, L. A, BENDER, J. D. Telessaúde **Enquanto Instrumento de Trabalho do Enfermeiro na UTI Adulto** 2017: uma Revisão Bibliográfica; disponível em: [file:///C:/Users/Positivo/Downloads/4285-21100-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Positivo/Downloads/4285-21100-1-PB%20(1).pdf). Acessado em: 18/10/2018.

Conselho Federal de Enfermagem (Brasil). **Resolução n.º 293** de 21 de Setembro 2004. Fixa e Estabelece Parâmetros para o Dimensionamento o Quadro de Profissionais de Enfermagem nas Unidades Assistenciais das Instituições de Saúde e Assemelhados. Acessado em: 10/10/18.

CORTEZ, Célia Martins; SILVA, Dilson. **Implicações do estresse sobre a saúde e a doença mental**. Arquivos Catarinenses de Medicina, v. 36, n. 4, p. 96-108, 2007. CUNHA, M. H. F; CRUZ, M. L. C; PEDRAO, R. L. J; SANTOS, F. D; SILVA, L. A; acessado em: 02/11/2018.

INOUE et.al. **Estresse ocupacional em enfermeiros intensivista que prestam cuidados diretos ao paciente crítico**; Rev Bras Enferm. 2013; acessado em: 27/10/18

INOUE. K. C , MATSUDA, L. M, 2009; **Dimensionamento de pessoal de enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva para adultos**; Rev. Eletr. disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n3/v23n3a11>. Acessado em: 06/06/2018

MENZANI, G; BIANCHI, ERF. **Stress dos enfermeiros de pronto socorro dos hospitais brasileiro**. Rev.Eletr.Enferm, 2009; Acessado em: 12/09/18

Ministério do Trabalho e Emprego (Brasil). **Norma Regulamentadora n.º 32**. Segurança e Saúde no Trabalho em Serviços de Saúde. Portaria GM n.º 485, de 11 de novembro de 2005 16/11/05 e Portaria GM n.º 939, de 18 de novembro de 2008 19/11/08. Brasília, DF: Diário Oficial da União; 2008.

MONTE et al.; **Estresse dos profissionais enfermeiros que atuam na unidade de terapia intensiva** 2013; Disponível: <https://www2.unifesp.br/acta/pdf/v26/n5/v26n5a0>. Acessado em: 12/07/18

MONTEIRO; et. al **Adoecimento Psíquico de Trabalhadores de Unidades de Terapia Intensiva**; 2013 acessado em: 15/11/2018

NASCIMENTO; **revisão técnica Ana Cristina de Sá**. São Paulo: Reichmann & Autores Editores, 2015.

NEUMANN, VN. **Qualidade de vida no trabalho: Percepções da Equipe de Enfermagem na Organização Hospitalar**. Belo Horizonte. Tese [Mestrado em Enfermagem]. Universidade Federal de Minas Gerais; 2007. Acessado em: 12/11/2018.

PANIZZON, C; LUZ, AM; FENSTERSEIFER, LM. **Estresse da equipe de enfermagem de emergência clínica**. RevGaúchEnferm. 2008. Acesso em 11 out.2018.

RODRIGUES, T. D. F; **Fatores Estressores para a equipe de Enfermagem da Unidade de Terapia Intensiva**; reme – Rev. Min. Enferm.; jul./set., 2012; acessado em: 15/10/2018.

SANTOS, et.al **o estresse do enfermeiro nas unidades de terapia intensiva adulto 2012**: revisão de literatura, Ver. Eletrônica saúde mental álcool e drogas. Acesso em 08 out.2018.

SCHMIDT, DRC; DANTAS, RAS; MARZIALE, MHP; LAUS, AM. **Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico**. Texto Contexto Enferm. 2009. Acesso em 14 out.2018.

VALERETTO; et.al **Fatores Desencadeantes do Estresse Ocupacional e da Síndrome de Burnout em Enfermeiros 2013**; Revista Saúde Física & Mental; Acessado EM: 11/10/2018.